

**A PAIXÃO SEGUNDO O INUMANO: CLARICE LISPECTOR E A TRADUÇÃO COMO PRÁTICA
POLÍTICA DO DIREITO À EXISTÊNCIA**

**THE PASSION ACCORDING TO THE INHUMAN: CLARICE LISPECTOR AND TRANSLATION AS A
POLITICAL PRACTICE OF THE RIGHT TO EXISTENCE**

Jessika Lima Fernandes¹

RESUMO: O artigo analisa a escrita de Clarice Lispector como prática de desestabilização ontológica, articulando estranhamento e epifania a uma crítica ao humanismo hegemônico. A leitura de obras como *A Hora da Estrela*, *Amor* e *A Legião Estrangeira* evidencia personagens situadas numa zona limítrofe entre reconhecimento e apagamento, em que o encontro com o animal, o objeto ou o outro social explicita a presença do inumano como força constitutiva do humano. Em diálogo com David Lapoujade, o texto mobiliza o conceito de existências mínimas para pensar sujeitos privados de plena realidade, cuja instauração depende de gestos estéticos e políticos. A aproximação com Gayatri Chakravorty Spivak desloca a questão para o campo da escuta: o subalterno não carece de voz, mas de reconhecimento. Assim, a tradução é concebida como prática ética que cria condições de inteligibilidade e reivindica o direito de existir no espaço comum, na qual literatura e tradução operam como formas de advocacia, ampliando o campo de quem pode ser reconhecido como sujeito de direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Inumano; Existências mínimas; Tradução; Direito

ABSTRACT: The article analyzes Clarice Lispector's writing as a practice of ontological destabilization, articulating estrangement and epiphany with a critique of hegemonic humanism. A reading of works such as *The Hour of the Star*, *Love*, and *The Foreign Legion* reveals characters situated in a liminal zone between recognition and erasure, in which the encounter with the animal, the object, or the social other makes explicit the presence of the inhuman as a constitutive force of the human. In dialogue with David Lapoujade, the text mobilizes the concept of minimal existences to reflect on subjects deprived of full reality, whose instauration depends on aesthetic and political gestures. The engagement with Gayatri Chakravorty Spivak shifts the question to the field of listening: the subaltern does not lack a voice, but recognition. Thus, translation is conceived as an ethical practice that creates conditions of intelligibility and claims the right to exist within the common space, in which literature and translation operate as forms of advocacy, expanding the field of those who can be recognized as subjects of rights.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Inhuman; Minimum existence; Translation; Law

¹ Graduanda em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9621017735994764> . E-mail: jessikalima707@gmail.com. Grupo de Pesquisa Direito, Pragmatismo(s) e Filosofia. 1 bolsa de Iniciação Científica UERJ.

1 INTRODUÇÃO

E eis que depois de uma tarde de “quem sou eu” e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero - eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar.

O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.²

Este estudo origina-se da vontade de trabalhar com Clarice Lispector (1920 - 1977) através de uma sequência de atividades desenvolvidas dentro do projeto de Iniciação Científica³ em Direito e Literatura do qual participo. A seleção das obras de Clarice para esse artigo é impulsionada pela relevância atemporal da autora, exemplificada pela adoção do conto *Amor* no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no ano de 2024 como um dos livros obrigatórios de leitura. Por afinidade pessoal com a densidade de sua escrita, articulou-se um potencial de pesquisa que conecta-se às questões filosóficas e sociais.

A produção literária de Clarice Lispector não se configura apenas no mero uso da estética ou em sua narrativa peculiar, ela se constitui como uma investigação da natureza do ser que desafia as fronteiras do humanismo tradicional (Nascimento, 2012). Evandro Nascimento (2012) contextualiza a obra de Lispector como uma literatura vanguarda e pensante, que recusa rótulos e se dedica a explorar o fluxo de consciência e a subjetividade a partir de objetos inanimados e seres à margem. Através de uma linguagem que privilegia o corpo e a sensação em detrimento da cronologia linear, Clarice estabelece um campo de intensidade onde o humano entra em uma zona de indistinção com o animal, o inumano, o

² Trecho da obra *Água Viva* (Lispector, 2020, p.79)

³ Dentro das atividades realizadas, surgiram resenhas das obras de Clarice, leitura de textos em Grupos de Pesquisa, discussões no Projeto de Extensão Teatro Municipal RJ Clube de Leitura Clarice Lispector e Machado de Assis com a coordenação das leituras feita pelas mestrandas PPGD/UERJ, Aline Miguez e Carine Rocha e as aulas no Projeto de Extensão Pré Vestibular Social Salgueiro com aulas preparatórias para a UERJ e o ENEM.

vegetal e o inorgânico, revelando que a gênese do ser está intrinsecamente ligada a forças que o transcendem ou o precedem.

O tema central desta análise reside na intersecção entre a escrita clariciana, marcada pelo fenômeno do estranhamento e da epifania, e os conceitos filosóficos de inumano e existências mínimas. Um problema identificado nesta reflexão reside na condição de invisibilidade e silenciamento enfrentada por grupos minoritários e sujeitos subalternos na realidade contemporânea. Partindo da premissa de David Lapoujade⁴, observa-se um hiato entre o existir, a ocupação física no espaço-tempo e o ter realidade, a posse de intensificadores que legitimam essa existência. O problema se manifesta na desqualificação de tudo o que a cultura hegemônica tenta excluir de seu sistema de valores, o que atinge não apenas o "outro" animalesco ou inumano na literatura, mas também grupos vulnerabilizados na vida fática. Atrelando o conceito de existências com a ideia de uma advocacia das existências mínimas proposta por Alexandre Mendes(2012), ao mesmo tempo que possuem direito de existir carecem de uma escuta ética e de um espaço de representação política e legal, permanecendo em um estado de inacabamento ou de morte social imposto por discursos dominantes e barreiras geográficas ou linguísticas.

Diante desse cenário de privação e silenciamento, o objetivo primordial deste artigo é analisar como a experiência do estranhamento e a aproximação com o inumano na obra de Clarice Lispector podem fundamentar uma prática política e ética da tradução. Sugere-se investigar o papel do tradutor e do pensador como um "advogado" dessas existências inacabadas, cuja função vai além da mera conversão linguística. O objetivo é demonstrar que a tradução, enquanto gesto de hospitalidade e reconhecimento do "outro", atua no processo de instauração um ato que visa conferir realidade e voz ao subalterno, permitindo que existências mínimas conquistem seu direito de ocupar o espaço-tempo de forma plena e legítima. Assim, busca-se estabelecer um elo entre a acuidade reflexiva clariciana e as políticas públicas de

⁴David Lapoujade explora a filosofia de Étienne Souriau sobre os Modos de Existências.

acolhimento, reafirmando a literatura e a tradução como instrumentos indispensáveis de direitos humanos e emancipação social.

2 A ESCRITA CLARICIANA

Após o primeiro contato com alguma obra da escritora Clarice Lispector, uma das emoções e sensações mais comuns é o espanto e o encantamento. Pode derivar de diversos fatores, como o enredo da história, o comportamento dos personagens e até o seu propósito. Em uma entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, para a TV Cultura⁵, a escritora fala sobre a dualidade de seu público de leitores, em que sua obra é incompreendida por algumas pessoas e, por outras, é exemplo de inspiração. Clarice mantinha uma relação intrigante, na qual não se colocavam rótulos nem títulos, apenas o simples ato de escrever. Ao participar da conferência “A literatura vanguarda no Brasil”, a escritora afirma que não pensara em termos de literatura, em que o termo literatura era o modo como outras pessoas chamavam a atividade dos escritores (Schuback, 2022, p.19). Com essa escrita, Lispector buscou abordar suas histórias e personagens de forma intensa e reveladora, capaz de provocar e fazer-se identificar com o leitor. A partir de uma escrita simples, mas ao mesmo tempo rica, se propôs a partir do subjetivo e dos objetos inanimados, extrair o máximo de sentido e vida, ao se inserir no núcleo criativo de cada ser e explorar o máximo de sentidos possíveis. Na análise feita por Cixous (1990) da obra *Água Viva*, a filósofa francesa comenta a sensação do leitor ao ler, devido a sua “desorganização”, no sentido de não seguir uma linha cronológica, mas sim, seguida de poemas em um fluxo de palavras. Em conjunto, Hélène Cixous coloca:

Clarice trabalha a própria linguagem e sua relação com o corpo, o paradoxo pelo qual as coisas sem corpo e sem realidade são encontradas e ditas mais facilmente, porque nada são senão palavras[...] O que está em jogo para ela não é o campo da ciência, mas o da vida e da morte, o do amor. (Cixous, 1990, p. 12, tradução própria)⁶

⁵ Entrevista para o Programa .. para a TV Cultura, mostra um lado mais íntimo da escritora. Atualmente, possui mais de 1 milhão de visualizações no YouTube.

Dentre as características presentes nos escritos de Clarice Lispector, através de um processo de auto reflexão, é a instauração da relação sentimento-experiência que aproxima o humano do desconhecido, o chamado estranhamento. Esse termo ganha certo destaque devido a alguns fatores: pela etimologia da palavra *estranho* que tem o sentido de ser algo de fora, exterior, assim como também esse estranhamento dos personagens enfrentados consigo próprios e com o mundo ao seu redor. O que também remete a outro termo, que seria o *estrangeiro*, no sentido de que o estranho suscita o enfoque no estrangeiro (Coelho, 2004). Haydée Ribeiro Coelho, em seu estudo, observa a presença da condição do estrangeiro no romance *A Hora da Estrela*. Clarice Lispector escreve a história através de um narrador chamado Rodrigo S.M.⁷, que de forma nua e crua descreve os detalhes da vida de Macabéa, uma alagoana que passa a ser estrangeira no espaço urbano. Além da barreira geográfica, a protagonista também se vê distante da realidade que a cerca, como por exemplo, ao se sentir distante pelo simples fato de andar de ônibus:

Quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhe faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de - de êxtase, digamos. (Lispector, 2020, p. 33, 34)⁸

A epifania se encontra somada ao estranhamento, pois é capaz de revelar ao personagem uma outra face que se encontra despercebida ou até mesmo de um simples fato que ganha uma ressignificação. O termo epifania possui significados diversos em diferentes correntes de pensamento, seu significado original advém do grego, transliterado como “epiphaneia”, e pode significar uma aparição ou manifestação. (Nascimento, 2016, p.33),

⁶ A pesquisadora Hélène Cixous faz uma análise minuciosa de algumas obras de Clarice focando em temas como a escrita feminina e a relação entre corpo e mundo social.

⁷ O narrador Rodrigo S.M da obra *A Hora da Estrela* possui algumas posições duras e sarcásticas sobre a protagonista Macabéa.

⁸ Trecho de *A Hora da Estrela* (Lispector, 2020, p.33,34).

como também tem relação direta com a religião, como revelação de uma aparição divina. Clarice, ao abordar a epifania, demonstra sua franqueza ao tratar aspectos psicológicos, fluxo de consciência e crises existenciais. (Bosi, 1989, p.474, apud Segato e Coqueiro, 2012, p.108). O conto *Amor* inserido no livro *Laços de Família*, apresenta de forma muito interessante e intrigante a expressão da epifania na protagonista Ana ao se deparar com um homem cego que mascava chicletes no ponto de ônibus enquanto estava sentada dentro de um bonde o observando pela janela.

Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir - como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. [...] Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada [...] Poucos instantes depois já não a olhavam mais. o Bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficará para atrás para sempre. Mas o mal estava feito. (Lispector, 2020, p. 19, 20)⁹

Esse cego que mascava chicletes não só despertava a epifania em Ana, como também pode ser interpretado como essa figura do estranho, mais especificamente do outro. A acuidade reflexiva e a inquietação formam, nas personagens de Clarice Lispector, elos de consciência de si, em que são espectadoras de seus próprios estados emocionais e psicológicos e de seus atos, nos quais, ao estarem tão ligadas a esses momentos reflexivos, passam a se perder dentro de si mesmas. Nesse sentido, quanto mais conhecem-se a si mesmas, já é a imagem de um ser outro com quem se enfrentam (Nunes, 1973, p. 105 e 106). A expressão 'Sair ao outro' proposta por (González, 2016) contextualizada no conto de clariciano *Mineirinho*, essa saída é um estímulo ao querer e re-querer, de dentro para fora, ao ponto de expandir o olhar, que representa esse estranhamento ou um deslocamento (do particular ao público), contudo, não é uma expansão que afasta, mas que aproxima.

⁹ Trecho do conto *Amor* no livro *Laços de Família* (Lispector, 2020, p.19,20)

A partir dessa ideia de estranhamento, esse artigo busca focar em uma outra figura mais específica para além da abstração do estranho, que seria a figura do inumano.

3 UMA VISÃO DO INUMANO

A palavra Inumano apresenta múltiplas definições e interpretações em diferentes áreas do conhecimento, variando de um sentido negativo, associado à desumanização e à barbárie, até uma forma de pensar que ultrapassa os limites do ser humano. De fato, o sentimento de estranhamento e de insuficiência diante do mundo ao qual o ser humano se vincula ontologicamente está associado a uma reflexão sobre sua própria origem. Essa reflexão se resolve, em oposição a explicações anteriores, na ideia de que o humano é fruto da combinação de forças que lhe são ontologicamente inferiores enquanto ser. Desse modo, torna-se necessário admitir que a gênese do humano parte do inumano, ou ainda que o humano contém uma zona de indistinção com forças que, embora constitutivas, desestabilizam a consistência de seu ser (Júnior, 2003, p.121). Essa zona de indistinção encontra eco na filosofia deleuziana, na qual é abordada a questão do corpo sem órgãos, indicando um campo de intensidade que antecede a organização fixa do corpo, na qual o inumano deixa de ser essa estrutura fechada e passa a ser um campo de fluxo, como por exemplo o devir que nos atravessa (Deleuze, Guattari, 1973).

A partir do ponto de vista ontológico, o livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (Nascimento, 2012), o professor utiliza a ideia do inumano/além do humano, no mesmo sentido proposto nesse artigo, ou seja, algo para além do horizonte humanista, que percorre as obras claricianas com a desconstrução do humanismo além da destruição niilista da tradição ontológica, mas que atinge o poético e o afetivo (Nascimento, 2012, p.16). De fato, ocorre uma instauração de uma relação de sentimento-experiência que aproxima o humano desse inumano no movimento de tornar-se, o que evidencia uma tênue fronteira entre ambos. A escrita de Clarice traz indagações sobre a limitação do ser humano, na qual essa dicotomia

sentimento-experiência é abordada através dos animais, plantas, objetos, paisagens, entre outros. Dentre sua pluralidade de obras, propõe-se a demarcação de dois exemplos que apresentam a dicotomia abordada. No conto *A Legião Estrangeira*¹⁰, é relatada a relação entre a narradora e sua vizinha, uma menina chamada Ofélia, que demonstra ser muito madura para a sua idade, causando certa inquietação com a narradora, que se intensifica quando a mesma ganha um pinto que desperta muito interesse em Ofélia, o qual a personagem demonstra de forma curiosa para o animal.

Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergia para nunca ter existido. E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. [...] Depois que o tremor da cobiça passou, o escuro dos olhos sofreu todo: não era somente a um rosto sem cobertura que eu a expunha, agora eu a expuseram ao melhor do mundo: a um pinto. (Lispector, 2015, p. 71, 72)

O segundo exemplo está no conto *Amor*, já descrito anteriormente, contudo, neste trecho específico, a protagonista Ana, após seu momento de epifania no bonde ao encontrar o cego que mascava chicletes por conta de um descuido, acaba passando do ponto perto da sua casa e vai parar no Jardim Botânico. Esse é um dos momentos em que os sentidos, em contato com a natureza, mais são aflorados, em que ela transmite uma visão diferenciada do Jardim, não como algo perfeito, mas com características, que são ignoradas no nosso dia a dia, como os pássaros mortos e as árvores apodrecidas.

Ao mesmo tempo que imaginário - era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folheados, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega - era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. (Lispector, 2020, p.23)

¹⁰ Livro de Clarice Lispector que reúne 13 contos.

Ambos os exemplos são cruciais, em que tanto com o animal, como também com a paisagem, é estabelecido um laço entre o eu e esse outro, que pode até transparecer um estranhamento em um primeiro momento, mas que logo após transmite um sentimento maior, no qual, Clarice já demonstrou através da nostalgia de não ter nascido bicho e como nesses momentos, geralmente carregados de epifania e fluxo de consciência¹¹, parecem-lhe como um chamado a esse ideal animalesco. O tornar-se-animal do homem ou vice e versa, é dado por um encontro inesperado através de um pensar-sentir, na qual essas duas naturezas distintas se chocam pela força do amor, que é a motriz que a escritora instaura na experiência do outrar-se, dessa transformação (Nascimento, 2012, p.30).

A escrita de Clarice ao propor uma ética da diferença, no sentido de rejeição a uma hierarquia entre seres, ela desconstrói possíveis pré-conceitos não só com os animais em si, mas para com a própria diferença no geral. Não é de se negar uma tendência ao rebaixamento de tudo que não se acredita servir como espelhos os animais, as mulheres, os índios, os negros, e todos os grupos étnicos classificados como “minorias”, minorizados, portanto, ainda quando constituem efetivamente maioria em determinadas sociedades. Ou seja, desqualifica-se tudo o que a cultura falocêntrica quer excluir de seu sistema de valores ou, no máximo, incluir como força operante, operária e submissa, em suma, servilizada (Nascimento, 2012, p.33). Esse outro, representado em uma existência minoritária, possui sua individualidade e na maioria das vezes, estão despossuídos do direito de existir. A privação de direitos básicos, como saneamento básico, moradia e saúde, por exemplo, faz parte da realidade de diversos grupos vulneráveis na realidade brasileira. Mesmo com direitos garantidos constitucionalmente, diversos programas sociais e de políticas públicas, ainda enfrentamos esse cruel desafio. Partindo da ideia da necessidade de afirmação do reconhecimento de um direito de existir, a tradução vem com esse processo colaborativo, em que através da

¹¹ Fluxo de consciência se trata de um momento específico acompanhado da epifania, em que surgem diversos pensamentos esparsos na mente do personagem clariciano.

comunicação “denúncia de injustiças”, cria-se um processo colaborativo e ativo, em que esses grupos precisam ocupar espaços e se desenvolver.

4 EXISTÊNCIAS MÍNIMAS

A partir da escolha literária com as obras de Clarice Lispector e a busca de uma leitura específica pela aproximação com a figura do inumano, este artigo busca avançar na análise do indivíduo utilizando a filosofia ontológica. O livro *As Existências Mínimas* do filósofo francês David Lapoujade (2017) investiga a filosofia da arte de Étienne Souriau (1892 - 1979) marcada pela epistemologia e a ontologia. Ao buscar uma reflexão entre existência e realidade, parte do pressuposto de que a existência é a ocupação do indivíduo no espaço-tempo, enquanto a realidade, somada a ocupação no espaço, necessita de intensificadores. O ponto de partida é o conceito pluralismo existencial de Souriau (2021) que rejeita um único modo de existência para todos os seres, ou seja, é defendido que cada ser existe ao seu modo sem estar predestinado a um único modo. Um indivíduo existe no mundo, ele existe como corpo, como um “psiquismo”, mas também como reflexo no espelho, como ideia ou lembrança (Lapoujade, 2017, p.14). Apesar da teoria dos Modos de Existência trabalhar com a ideia de um atomismo ontológico, ou seja, cada existência é completa a si mesma e não pertence a nenhum tipo hierárquico, ela não busca explicitamente estudar um grupo social ou cultural específico, mas traz consigo a ideia de algo que transcende a realidade e é contra algo único e absoluto. Contudo, esse pensamento filosófico abstrato pode ser interpretado e pensado no contexto fático de grupos minoritários que são expostos a opressões que criam obstáculos de uma vida plena.

Junto à base filosófica, a literatura tem um papel essencial de reflexão ao trazer à tona temas que podem passar despercebidos ou que exigem de uma leitura alternativa a do senso comum. A tese da Literatura como Direito Humano (Silva e Peruzzo, 2019) vem justamente com esse propósito de mostrar a literatura como um campo além do meio de acesso cultural e

educacional, mas também como instrumento de refinamento do sensível na construção do sujeito. Esse caráter humanizador e emancipatório contribui para um papel ético de alteridade, no sentido de enxergar o próximo um ser merecedor de consideração, sem o apagamento de sua história e objetivo de vida. Diversas vezes, essa alteridade se vê fragmentada, através de discursos de ódio, meios de apagamento e até mesmo vestígios históricos de opressão. Casos de racismo, xenofobia, homofobia são exemplos claros e reais da tentativa de silenciamento e negação da existência desses corpos.¹²

Com base na análise de Lapoujade, o autor parte da premissa dos despossuídos a partir da seguinte questão: como existir de fato quando se é privado do direito de existir? Dado o questionamento, se apresenta o conceito de anáfora que seria uma intensificação dessa realidade, junto do processo de Instauração, que consiste em um gesto pelo qual uma existência quer afirmar um direito de existir. Não é um direito atribuído por um fundamento exterior, mas conquistado por um acréscimo da sua realidade. Instaurar é fazer valer esse direito, promovê-lo e legitimar uma maneira de ocupar um espaço-tempo (Lapoujade, 2014). Um exemplo dado no livro é do filósofo, que para construir algo novo e consolidado, eles partem do ser indeterminado ao completamente desenvolvido, ou seja, utilizam da formalidade para concretude do ser. Ainda nessa análise ontológica, para essas existências mínimas se colocarem presentes, é preciso vencer a dúvida posta inicialmente, além do ceticismo e a negação da sua própria existência e isso não se faz sozinho. Como uma saída, entra o papel do advogado, não necessariamente o profissional em si, mas o artista, o filósofo ou o pensador torna-se o advogado dessas existências inacabadas, seu porta-voz, lutando para que elas conquistem a realidade que lhes falta. Esta advocacia, por sua vez, não pode ser descrita como uma atividade limitada ao círculo profissional dos advogados, pois ela surge do contato entre estética e política. Logo, o processo é sempre um processo artístico e o que está em jogo é, invariavelmente, uma pluralidade de artes da existência (Mendes, 2024, p.19).

¹² Dentre os demais dados para esses crimes, um exemplo evidente: O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro registrou um aumento do número de ações envolvendo crimes de injúria. (O Extra, 2026)

Para contextualizar o tema proposto nesse artigo, é possível observar essa figura do advogado também no papel do tradutor. O tradutor ao entrar em contato com o objeto e a língua, é preciso analisar todas as premissas envolvidas no material em questão como, qual o público alvo daquela tradução?; para quais línguas irá perpassar?; qual o contexto histórico, social e político se enquadra? Todas essas questões cercam a individualidade do material a ser transformado e traduzido, em que passa pela questão ética da tradução.

5 TRADUÇÃO COMO PRÁTICA POLÍTICA E ÉTICA

Dentro das diversas áreas de estudo, a ética constitui um dos princípios basilares, e nos Estudos da Tradução essa premissa não é diferente. A Tradução atua como um mecanismo que transpõe essa ideia teórica de existência para a realidade concreta, permitindo que indivíduos possam se manter existindo dentro de contextos complexos. Nesse sentido, Alves (2021), ancorado nos estudos de Peter Singer sobre a Prática Ética, investiga como tal conceito se aplica ao campo tradutório. Compreende-se a ética, portanto, como uma prática social capaz de possibilitar o pensamento reflexivo acerca do comportamento dos indivíduos. Com isso, os tradutores(as), ao entrarem dentro do processo de comunicação que cada texto proporciona, cabe a esse profissional o reconhecimento da multiplicidade de indivíduos em cada contexto político, social e econômico, fornecendo mais de uma maneira de tradução possível.

Ainda dentro dessa visão mais prática de uma ética, Baker (2006) contextualiza a tradução, a interpretação e a narrativa fornecem uma base para compartilhar linguagem e valores, possibilitando a mobilização de indivíduos diversos com diferentes culturas, antepassados e atributos políticos, humanitários e sociais. Afirma ainda que, a internet é um espaço simbólico no qual grupos marginalizados podem desafiar os massivos discursos dominantes, criando suas narrativas alternativas que sejam capazes de descrever suas individualidades. Nesse cenário, os tradutores devem possuir a expertise de serem capazes de

identificar as diversas nuances que um texto pode apresentar e como essa interpretação deve ser passada respeitando esses critérios e não aos achismos de um discurso dominante.

Ao relacionar o conceito de existência mínima à questão da fala, recorre-se às reflexões da filósofa indiana Gayatri Spivak em seu ensaio *Pode o Subalterno Falar?*, a autora parte da tese de que o “subalterno não pode falar”, não se referindo a algum tipo de incapacidade física ou mental, mas sim a uma ausência de um espaço que possibilite uma representação e de que esse sujeito possa ser ouvido. Esse termo subalterno descreve populações que geralmente não são reconhecidas enquanto sujeitos, aquelas que podemos dizer serem as camadas mais baixas de sociedades que são constituídas por modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal e da possibilidade de se tornarem plenos no estrato social dominante(Almeida,2010,p.13, apud Spivak, 1983).

A tradução dentro de suas limitações e desafios, pode se apresentar como uma saída considerável para esse silenciamento imposto a essas existências, no sentido de transcender a mera conversão linguística para se tornar uma condição necessária de hospitalidade e reconhecimento, permitindo que a voz do subalterno seja finalmente articulada e ouvida num espaço partilhado. Falar, portanto, não é apenas enunciar, mas ser escutado em um horizonte compartilhado de inteligibilidade e essa escuta exige uma prática tradutória que desestabilize a pretensão de neutralidade do sujeito hegemônico. O subalterno não fala porque lhe falta voz, mas porque lhe falta uma escuta ética e é na construção dessa escuta, que reside a tarefa crítica.(Auad, 2018).

Para além da análise teoria da tradução, existem grupos com atividades baseadas no acolhimento e no ativismo que perpassam as discussões trazidas aqui na prática. No Brasil, temos o Grupo de Acolhimento em Línguas (GAL)¹³ do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que é voltado a migrantes de crise em

¹³ Dentre os idiomas falados, tem-se o português, espanhol, crioulo haitiano, francês e o inglês. O projeto teve uma alta visibilidade durante a pandemia de covid-19, na qual ajudou a prefeitura local na elaboração de um material de divulgação. (Rios, 2026)

Campinas e em regiões ao arredores. Idealizado pela professora Ana Cecília Cossi Bizon em 2019, promovem discussões sobre a migração através de uma ação de acolhimento para a sua inserção na comunidade(Rios, 2026). A relevância para tais projetos aponta para a necessidade de políticas públicas que fomentem sua expansão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação aqui empreendida revela que a escrita de Clarice Lispector não se encerra na fruição estética ou no subjetivismo introspectivo, pelo contrário, ela opera como um dispositivo de desestabilização ontológica. A partir da leitura de contos como *Amor* e *A Legião Estrangeira*, bem como do romance *A Hora da Estrela*, observou-se que o estranhamento, a epifania e o deslocamento subjetivo não constituem meros recursos estilísticos, mas dispositivos de problematização da própria consistência do sujeito moderno, em que a literatura clariciana antecipa e fundamenta uma crítica rigorosa ao humanismo hegemônico.

A articulação dessa estética com a filosofia das existências mínimas de David Lapoujade, permitiu elevar o debate da esfera literária para a esfera do direito ao ser. Conclui-se que as figuras marginalizadas, sejam elas as protagonistas despossuídas da ficção ou os grupos subalternizados da realidade social, habitam uma lacuna entre a existência, o fato de estar no mundo e a realidade a plenitude do reconhecimento e da dignidade. O conceito de instauração emerge, portanto, como a chave para entender o papel da arte e do pensamento: instaurar é o gesto político e poético de conferir realidade àquilo que o discurso dominante insiste em manter na penumbra da existência mínima.

Nesse sentido, a figura do tradutor e, por extensão, a prática da tradução foi ressignificada ao longo deste estudo como uma forma de advocacia. Como observado através das lentes de Gayatri Spivak e Mona Baker, o silenciamento do subalterno não é uma falha de

voz, mas uma falha de escuta e de hospitalidade linguística. A tradução ética, portanto, não se limita à conversão de códigos; ela atua na "denúncia de injustiças" e na criação de espaços de inteligibilidade onde o estranho pode, finalmente, falar e ser ouvido.

Em última análise, o presente artigo propõe que o olhar clariciano sobre o inumano e o olhar filosófico sobre o mínimo convergem para uma mesma urgência: a necessidade de uma ética da diferença. Reconhecer o direito de existir de cada ser, em sua singularidade e em seu modo próprio de existência, exige um compromisso ativo contra o apagamento e o silenciamento. A literatura, a filosofia e a tradução revelam-se, assim, ferramentas indissociáveis na luta pela ampliação da realidade humana, provando que o ato de escrever ou de traduzir é, fundamentalmente, um ato de resistência e de hospitalidade ao outro.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel. Tradução e Ética: Sobre ética da tradução como uma prática social de reflexão consciente. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.24, n.1, p.1-12, jan.-mar. 2021

AUAD, Pedro Trindade. E quando o subalterno fala?: Ideologia, tradução e ética. *Criação & Crítica*, n.24, p.115-130, out. 2019

BAKER, Mona. Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community. Disponível em: <[Translation and Activism Emerging Patter | PDF](#)>. Acesso em: 13 fev. 2026.

CIXOUS, Hélène. Reading with Clarice Lispector. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990. 192p.

COELHO, Haydée Ribeiro. O Estranho, o Estranhamento e o Estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector. *Caligrama*, Belo Horizonte, v.9, p.171-186, dez. 2004

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1. São Paulo: Editora 34, 1997. 127p.

EXTRA. Aumenta o número de vítimas de discriminação em busca por justiça no Judiciário fluminense. Disponível em: <<https://extra.globo.com/rio/casos-de-policia/noticia/2026/03/aumenta-o-numero-de->

[vítimas-de-discriminacao-em-busca-por-justica-no-judiciario-fluminense.shtml](#)>. Acesso em: 20 mar. 2026

GONZÁLEZ, José Calvo. 'Sair ao outro': afetividade e justiça em "Mineirinho", de Clarice Lispector. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 123-145, jan.-jun. 2016.

JÚNIOR, Hélio Rabello Cardoso. Questões acerca do Humanismo no Pensamento Contemporâneo: Nuanças do Inumano. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v.17, n.34, p.117-163, jul.-dez. 2003

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 edições, 2017. 117p.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família: Amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 143p.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 87p.

LISPECTOR, Clarice. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. 81p.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 93p.

MENDES, A. F.. Direito e Literatura: a advocacia das existências em O veredicto de Franz Kafka. *Revista DIREITO E PRÁXIS*, v. 15, p. 1-25, jun. 2024.

MONTERO, Teresa. *à procura da própria coisa: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. 1153p.

NASCIMENTO, Érick Teodósio do. *A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. 92 f.

NASCIMENTO, Evandro. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 260p.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Ática, 1989. 168p.

RIOS, Hebe. Grupo de acolhimento em línguas do IEL pode virar política pública. Disponível em:< [Grupo de acolhimento em línguas do IEL pode virar política pública - Audiovisual - Jornal da Unicamp](#)>. Acesso em: 28 fev. 2026

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Atrás do pensamento: a filosofia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. 168p.

SEGATO, Maiara Cristina; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Epifania: O clímax da Narrativa nos Contos de Clarice Lispector. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v.4, n.7, p.107-120, ago-dez. 2012

SILVA, Carolina Reis Theodoro da; PERUZZO, Pedro Pulzatto. A literatura como direito humano. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 515-538, jul.-dez. 2019.

SOURIAU, Étienne. *Diferentes Modos de Existência*. São Paulo: N-1 edições, 2017. 586p.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n.69, p.442-464, abr. 2018